

O FATOR ÉTICO DO SUBDESENVOLVIMENTO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Depois das considerações feitas nos artigos anteriores, compreenderemos melhor a complexidade e a interação dos fatores que convergem na formação de uma determinada conjuntura; e compreenderemos que o subdesenvolvimento não é apenas uma pobreza referida às exigências essenciais da natureza humana, nem um simples atraso relativo ao grupo que tem os mesmos eixos de civilização, ou os mesmos "ideais históricos concretos". Subdesenvolvimento é um fenômeno que tem a lógica interna das doenças; é uma distorção mais do que um simples não-atingimento, uma atrofia sistematizada mais do que uma simples carência. Mistura de acasos, determinismos parciais e fatores éticos, a conjuntura social tem de ser vista e tratada como fenômeno humano, essencialmente humano, e não como um fenômeno cósmico. E não basta acentuar o aspecto econômico para dar ao objeto em estudo as dimensões do homem. É preciso acentuar, hierarquizar, o fator moral.

Nesse ponto não acompanho Michel Poniatowski onde diz que ninguém tem culpa do subdesenvolvimento: "Os países subdesenvolvidos são quase sempre países novos, nações jovens, animados de um nacionalismo exacerbado, que procuram impacientemente se desvencilhar de todos os jugos, e que são tanto mais susceptíveis quanto mais recente é sua independência e sua evolução. O termo "subdesenvolvimento" que lhes aplicamos é muitas vezes considerado por eles como pejorativo, quando na verdade nada tem de insultuoso pelas noções que implica. Trata-se de uma situação de fato que não é imputável nem a uma tara física, nem a uma tara moral, e que pode quase sempre ser remediada com medidas técnicas apropriadas. Esse estado de coisas tem causas essencialmente econômicas e não pode ser ligado sistematicamente a um grau de evolução cultural e humana ou a um regime social e político determinado". (L'Avenir des Pays Sous-Développés", SEFI, Paris, 1954, pág. 43).

Aí está um tipo de afirmação que todo o mundo faz, e em que, na verdade, ninguém acredita. Todo o mundo apoiará aquela passagem de Michel Poniatowski por julgar que seja mais objetivamente "científica" a proposição que despoja os fenômenos sociais de qualquer resquício de conotação moral. O mesmo vago e difuso personagem, entretanto, está cansado de saber, ao menos obscuramente, que onde há acontecimentos envolvendo três pessoas ou três milhões, há sempre uma atmosfera ética e uma inevitável colocação em termos de mérito ou de culpa; e também sabe, ao menos confusamente, que não podemos tirar a dimensão moral do curso da história sem automaticamente tirá-la da política,

que é a história feita "à la minute". Se o passado não tem teor ético, não se vê como o terá o presente. Será possível pensar em atividade política sem moral, ainda que seja imoral? Qualquer pessoa, exceptuadas as que fazem profissão de pedantismo, sabe que não é possível. Os mais evoluídos materialistas ainda fazem por dia dezenas de coisas que lhes parecem preceptivas, e ainda se zangam com os prifes que não fazem o que deviam fazer, ou fazem o que não deviam. Um dos espetáculos mais divertidos do mundo contemporâneo, a meu ver, é a indignação manifestada pelos nacionalistas de formação materialista diante de alguém que no seu ajuizar trai uma causa sacrossanta, como por exemplo a do petróleo. O moralismo dessa indignação relativa aos fatores externos que perturbam o desenvolvimento do país está em curiosa contradição com o amoralismo do desenvolvimentismo de uso interno.

Não menos curiosa é a ingenuidade do autor polonês, que segue Berdiaef e acredita em Josué de Castro, lá onde afiança que o subdesenvolvimento pode ser quase sempre remediado com medidas técnicas adequadas. Aquele autor não parece ter observado que neste vale de lágrimas nem sempre os homens costumam fazer o que é razoável e bom. Realmente, efetivamente, inegavelmente, a atrofia de uma conjuntura pode ser remediada com certas providências técnicas, mas para isso, meus amigos, é preciso que em tal país, em tal conjuntura, existam dirigentes com inteligência para discernir as medidas necessárias, em sua ordem de urgência, e com virtude para aplicá-las. E basta esta consideração para vermos que o fator curativo do subdesenvolvimento é mais prudencial do que econômico. Ora, creio não estar sendo muito original ao dizer que o poder e o prestígio inebriam e perturbam a alma humana. O bem comum é difícilmente praticável porque o homem político é dificilmente virtuoso. E por aí se vê que na imputabilidades, responsabilidades morais passadas e presentes em cada país afetado de subdesenvolvimento. Não é só de seca, de um mal físico, que morre gente no nordeste; não é sem culpa de alguém que morrem cento e cinquenta em cada mil crianças brasileiras que nascem. Adiantará alguma coisa procurar na história, na galeria de mortos, os responsáveis pelo subdesenvolvimento que legamos? Adiantará processar Tomé de Souza ou denunciar, d. João VI? Será possível distinguir os graus de responsabilidade e destrinçar os fios da imensa e confusa meada? A história, como sabemos, é uma imensa história mal contada. Se no caso de um desquite que evolue diante de nossos olhos atentos não sabemos dis-

tinguir com precisão quem é a vítima, e quem é o algoz, ou a parte de culpa e a parte de inocência que cabe a cada um, como nos aventuraremos a julgar os passos de um Constantino ou os decretos de um Napoleão? A verdade é que temos sempre certa tendência de reservar as dimensões humanas para os fenômenos de nossa intimidade, e por isso vemos nos carolíngios somente o aspecto histórico, e nos esquimós só apreendemos o aspecto etnológico. Todos são homens; no passado ou no presente, no polo ou na academia, todos são os mesmos animais racionais, e consequentemente os mesmos animais morais. A introdução do fator moral na análise de uma conjuntura não decorre pois de uma atitude emocional ou religiosa; ao contrário, é exigida pelo rigor científico com que se deve tratar o problema, e sua omissão, além de outros inconvenientes, prejudica a veracidade e a exatidão da análise. É claro que não pretendemos cobrar nos descendentes vivos os erros morais que descobrimos nas cinzas dos mortos, como se descobrem as idades das reliquias pela dosagem do carbono 14. Nem sequer pretendemos que nossos julgamentos sejam perfeitos. Uma coisa entretanto ousamos afirmar, e não vemos contra ela nenhuma possibilidade de contestação: há culpas onde sobejam as aflições. Essa idéia pode parecer estéril no que se refere às guerras púnicas e às cruzadas; mas é fecundíssima, utilíssima no que se refere, por exemplo, ao nordeste brasileiro, e de um modo geral ao fenômeno do subdesenvolvimento atual.

Um dos mais dramáticos paradoxos do problema é precisamente este: o país enfermo precisa ansiosamente de um bom governo para a promoção energética das medidas técnicas necessárias; ora, uma das características principais dos países subdesenvolvidos é a mediocridade dos quadros políticos, a fraqueza das estruturas institucionais. Em regra geral, com felizes e acidentais exceções, são mediocres os presidentes, os governadores, os deputados, os senadores, os juizes, os generais, os almirantes dos países subdesenvolvidos. Há na constelação da causação circular cumulativa uma atrofia intelectual, uma espécie de cretinice nacional que consiste, não no fato de serem individualmente inferiores as pessoas do grupo, mas no fato propriamente social de não saberem colocar os dotes naturais na pauta do bem comum. Há também uma atrofia moral coletiva que consiste, não em inferioridade moral das pessoas do grupo, mas no fato de não saberem colocar as virtudes em termos de bem comum. O país subdesenvolvido é um país que não funciona bem, que se embarça, que não sabe o que fazer de seus recursos e que frequentemente não sabe aproveitar suas oportunidades. Posso ainda compará-lo a uma máquina com grande desgaste interno, de atritos, aquecimento, com reduzido rendimento. Mas em todas essas comparações não devemos perder de vista a importância dos fatores morais e culturais, porque é aí, nesse ponto esquecido pelos desenvolvimentistas dos diversos matizes, que reside, ao mesmo tempo, o ponto mais dolorido do problema, e a brecha por onde se pode romper o círculo mortal. A idéia de começar por uma injeção de recursos financeiros, como o plano Marshal, só vale para uma nação de alto nível de cultura que sofreu uma avaria grave mas externa, como no caso da Alemanha Ocidental, que em poucos anos recuperou seu nível de desenvolvimento. Para um país subdesenvolvido a idéia não se aplica, porque o presidente ou ditador distribuirá pelas amantes, em jóias e automóveis, os recursos obtidos das potências mais ricas; ou então terá a idéia fantástica de fazer uma cidade nova com instalações sanitárias nunca vistas nos mais ricos países do mundo. A injeção financeira será quase infalivelmente mal aplicada no país subdesenvolvido, justamente porque é subdesenvolvido. O único modo de romper o círculo vicioso, ou de virar up-ward o processo de causação cumulativa, é a de começar pela ponta desprezada pelos desenvolvimentistas. É o de começar pelo reconhecimento do primado do espiritual e pela reativação das energias propriamente humanas.